



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação,
Políticas
e Expansão
da Educação
Brasileira 6**

Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 6 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 6) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-463-4 DOI 10.22533/at.ed.634191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES DE AÇÕES	
Adriane Sanae Matuo Tacahashi Heloisa Toshie Irie Saito	
DOI 10.22533/at.ed.6341910071	
CAPÍTULO 2	10
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DA CRIANÇA	
Edjôfre Coelho de Oliveira Claudiana Sousa Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6341910072	
CAPÍTULO 3	25
A INTERVENÇÃO MUSICAL COM BEBÊS EM RISCO PSÍQUICO	
Aruna Noal Correa Ana Paula Ramos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6341910073	
CAPÍTULO 4	36
A PRÉ-ESCOLA E A EMENDA 59/09 NO MUNICÍPIO DE ALVORADA/RS	
Mariane Vieira Gonçalves Ana Cláudia Von Wurmb da Silva Vera Dausacker	
DOI 10.22533/at.ed.6341910074	
CAPÍTULO 5	49
BEBÊS EM BERÇÁRIO: EXPLORAÇÃO SONORO-MUSICAL COTIDIANA	
Aruna Noal Correa Cláudia Ribeiro Bellochio	
DOI 10.22533/at.ed.6341910075	
CAPÍTULO 6	59
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO (NO) CORPO – A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA MOTRICIDADE NA INFÂNCIA	
Deborah Kramer	
DOI 10.22533/at.ed.6341910076	
CAPÍTULO 7	67
COSTURINHAS: ALINHAVANDO AUTORIAS	
Marcelo Magalhães Foohs Ester Julice dos Santos Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.6341910077	

CAPÍTULO 8	75
ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: UM ESTUDO SOBRE A OFERTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE/PB	
Naara Queiroz de Melo Melânia Mendonça Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6341910078	
CAPÍTULO 9	79
EXPERIÊNCIAS NARRADAS CORPORALMENTE E AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Luciana Silvia Evangelista Mônica Caldas Ehrenberg	
DOI 10.22533/at.ed.6341910079	
CAPÍTULO 10	95
FIGUEIREDO PIMENTEL: DO NATURALISMO À BIBLIOTHECA INFANTIL	
Soyane da Silva Santos Janahina de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.63419100710	
CAPÍTULO 11	105
FILOSOFIA E INFÂNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	
Williams Nunes da Cunha Junior Dariely Lays Monteiro de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.63419100711	
CAPÍTULO 12	115
MUSICALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: CRIANÇAS PEQUENINHAS E SUAS EXPLORAÇÕES MUSICAIS	
Maria Cristina Albino Galera Marta Regina Paulo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63419100712	
CAPÍTULO 13	131
O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, O PNAIC E A NOVA VERSÃO DA BNCC: ENTRE TENSÕES E DESAFIOS	
Claudia de Souza Lino Claudia de Oliveira Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.63419100713	
CAPÍTULO 14	144
POLÍTICA DE “UNIVERSALIZAÇÃO” DA PRÉ-ESCOLA NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB (2014-2016)	
Kilma Wayne Silva de Sousa Melânia Mendonça Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.63419100714	

CAPÍTULO 15	157
POLÍTICAS PÚBLICAS E QUALIDADE NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA PESQUISA EM DUAS EMEIS DE SANTA MARIA - RS	
Andressa Wiedenhof Marafiga	
Jucilene Hundertmarck	
Taciana Camera Segat	
DOI 10.22533/at.ed.63419100715	
CAPÍTULO 16	169
SER CRIANÇA, SER BRINCANTE: REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Michaelly Calixto dos Santos	
Priscila Gomes dos Santos	
Sayarah Carol Mesquita dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.63419100716	
CAPÍTULO 17	179
SOBRE DIVERTIR, EDUCAR E INSTRUIR AS CRIANÇAS: O CASO DA REVISTA <i>VIDA INFANTIL</i> (1947-1951)	
Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.63419100717	
CAPÍTULO 18	193
O EFEITO DAS SESSÕES DE EDUCAÇÃO PARENTAL SOBRE AS PRÁTICAS DOS PAIS/ CUIDADORES RESIDENTES NO DISTRITO DE MATUTUÍNE, PROVÍNCIA DE MAPUTO, TAL COMO PERCEBIDO PELAS PARTICIPANTES E FACILITADORAS	
Lucena Albino Muianga	
DOI 10.22533/at.ed.63419100718	
CAPÍTULO 19	208
“ <i>CRIANÇA NÃO TRABALHA, CRIANÇA DÁ TRABALHO</i> ”: DO CANTO AO DESENCANTO DOS DIREITOS INFANTIS SOB OLHARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
Maria Cristina Silva Torres Soares	
Claine Gonçalves Nery	
DOI 10.22533/at.ed.63419100719	
CAPÍTULO 20	217
A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: DO ONÍRICO AO REAL – POSSIBILIDADES	
Enéas Machado	
Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63419100720	
CAPÍTULO 21	225
CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA REFLEXÃO DO PAPEL DO PROFESSOR: EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Deine Queiroz da Conceição	
Marcela Silva Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.63419100721	
CAPÍTULO 22	229
CURRÍCULO INTEGRADO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NO PROEJA	
Gilvana Mendes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.63419100722	

CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA PROPOSTA DO PROJovem URBANO: EMBATES E DESAFIOS	
Marcos Torres Carneiro Maria Aparecida de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.63419100723	
CAPÍTULO 24	247
MARCOS CONCEITUAIS E LEGAIS E OS DILEMAS ENFRENTADOS PELA JUVENTUDE EM BUSCA DE TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Yossonale Viana Alves Márcio Adriano de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.63419100724	
CAPÍTULO 25	262
O PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO NO RIO GRANDE DO NORTE: ALGUMAS REFLEXÕES	
Suerda Maria Nogueira do Nascimento José Moisés Nunes da Silva Maria Aparecida dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.63419100725	
CAPÍTULO 26	275
CENÁRIOS DO CONTEXTO EDUCACIONAL: GÊNERO, INFÂNCIA E (IN) DISCIPLINA	
Franciéli Artl Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.63419100726	
CAPÍTULO 27	286
DIVERSIDADE DE PÚBLICO E POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Aparecida dos Santos Do Nascimento Sílvia da Aparecida Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.63419100727	
CAPÍTULO 28	302
PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS	
Kátia Batista Martins Adriana Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63419100728	
CAPÍTULO 29	319
UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO CURIOSIDADE CIENTÍFICA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Flávia Simões de Moura Luzia Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.63419100729	
SOBRE O ORGANIZADOR	331

A INTERVENÇÃO MUSICAL COM BEBÊS EM RISCO PSÍQUICO

Aruna Noal Correa

Universidade Federal de Santa Maria, Centro de
Educação
Santa Maria - RS

Ana Paula Ramos de Souza

Universidade Federal de Santa Maria, Centro de
Ciências da Saúde
Santa Maria - RS

RESUMO: Este capítulo apresenta dados de pesquisa de mestrado baseada no aumento de diagnósticos dos Transtornos do Espectro do Autismo em bebês, bem como a dificuldade no progresso terapêutico de crianças que iniciam intervenções tardias, colocando em questão a importância da detecção precoce de bebês com risco de desenvolvimento desta psicopatologia (JERUSALINSKY, 2015). Nesse cenário, a perspectiva de detecção precoce de risco de evolução para o autismo assume grande relevância, tendo em vista sucessos terapêuticos relatados, pela literatura (LAZNIK, 2013). Sobremaneira, temos empreendido esforços para detectar precocemente o risco de psicopatologias graves da infância, investindo na sensibilização de familiares para intervenção. Em 2013, passamos a apostar na perspectiva de intervenção precoce através da musicalização com bebês prematuros, por mostrar-se adequada para bebês em risco psíquico, como forma de alcançar os familiares

e como aposta para um trabalho direcionado nas instituições de educação infantil. Os trabalhos com música, propostos por Esther Beyer (2005), indicaram que a musicalização de bebês seria um caminho promissor para este estudo, aliado ao baixo custo. Objetivou-se, para tanto, analisar os efeitos da musicalização como dispositivo de intervenção precoce junto a bebês em risco psíquico e seus familiares, a partir de estudo de caso. Como metodologia utilizou-se a pesquisa intervenção, baseada em encontros musicais semanais entre bebês e seus familiares e análise qualitativa dos dados produzidos. Concluiu-se que a estratégia é positiva e efetiva para o desenvolvimento de bebês em risco psíquico, e que contribui para o trabalho pedagógico junto aos bebês em berçários de nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: musicalização, intervenção precoce, risco psíquico, desenvolvimento infantil, autismo.

ABSTRACT: This chapter presents data from master's research based on the increased diagnosis of Autism Spectrum Disorders in infants, as well as the difficulty in the therapeutic progress of children initiating late intervention, calling into question the importance of early detection of babies with a risk of developing this psychopathology (JERUSALINSKY, 2015). In this scenario, the perspective of early detection

of risk of evolution for autism assumes great relevance, in view of reported therapeutic successes, by the literature (LAZNIK, 2013). However, we have made efforts for early detection of the risk of severe childhood psychopathologies, investing in awareness of family members for intervention. In 2013, we started betting on the prospect of early intervention through musicalization with premature babies, because it is suitable for babies at psychic risk, as a way to reach the family and as a bet for a directed work in the institutions of early childhood education. The works with music, proposed by Esther Beyer (2005), indicated that the musicalization of babies would be a promising way for this study, allied to the low cost. The purpose of this study was to analyze the effects of musicalization as a device for early intervention with babies at psychic risk and their relatives, based on a case study. As methodology was used the intervention research, based on weekly musical meetings between babies and their families and qualitative analysis of the data produced. It was concluded that the strategy is positive and effective for the development of babies at psychic risk, and that contributes to the pedagogical work with the babies in nurseries of our country.

KEYWORDS: musicalization, early intervention, psychic risk, child development, autism.

1 | INTRODUÇÃO

O presente capítulo resgata trabalho apresentado em evento sobre Pesquisa em Educação, realizado pela Universidade de Santa Cruz no ano de 2016. O mesmo apresenta revisão de dados referentes a pesquisa desenvolvida em nível de mestrado através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. O mesmo justifica-se em função do aumento significativo de diagnósticos de Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) a partir do ano 2000, bem como, a certeza de que a detecção e intervenção precoces levam a um prognóstico mais específico dos casos (LAZNIK, 2013; JERUSALINSKY, 2015).

Dentre os grupos de pesquisa, dois têm empreendido esforços, a partir de postura psicanalítica, para detectar precocemente o risco de psicopatologias graves da infância através de dois instrumentos criados para inserção nas consultas pediátricas. Em nosso país, as pesquisadoras Kupfer e Volontolini (2005) organizam reflexões acerca de Índices Clínicos de Risco ao Desenvolvimento Infantil (IRDIs), pesquisa concluída no ano de 2008 (KUPFER, 2008). Na França, o grupo de pesquisa e clínico da Asociación PREAUT (2012), propôs os Sinais PREAUT, com objetivo mais específico de detecção de risco de evolução para o autismo.

Diferentes investigações têm comprovado a pertinência dos IRDIs na detecção de risco ao desenvolvimento ou psíquico e sua correlação com alterações no exercício das funções parentais, como Kupfer & Bernardino (2010) ou beltrami *et al.* (2013), assim como, acerca das dificuldades psicomotoras, alimentares e de linguagem do bebê, entre estudos tais como Vendrúscolo *et al.* (2012), Flores & Souza (2014),

Oliveira & Souza (2014), Vendrúscolo & Souza (2015).

Com relação ao autismo, especificamente, há algumas hipóteses atuais que sugerem que o autismo tem origem em falha pré-natal no desenvolvimento dos sistemas que programam o *timing*, a coordenação motora seriada, o controle prospectivo de movimentos, o controle da regulação afetiva das experiências, dificultando o engajamento do bebê em interações com seus cuidadores/familiares (TREVARTHEN & BUTT, 2013; MURATORI, 2014).

Quanto aos sinais neurológicos elencados em pesquisas, estes levariam, com dificuldades, ao mantelamento perceptivo (GOLSE, 2013), bem como, o estabelecimento da intersubjetividade primária. Os bebês em questão são pouco apetentes simbolicamente (LAZNIK, 2013), demonstrando pouco interesse pelo manhês, ou musicalidade comunicativa, como sugere Trevarthen (2013), como forma particular e afetiva de as mães interagirem com seus filhos, sobretudo quando eles respondem a elas com reciprocidade ou apetência simbólica (LAZNIK, 2013).

Essa falta de apetência criará dificuldades na construção da intersubjetividade secundária, que segundo Golse (2013) é estudada pelo campo psicanalítico como dificuldades em estabelecer o terceiro tempo do circuito pulsional fruto do processo de alienação (Kupfer, 2000; Laznik, 2013; Jerusalinsky, 2015).

No que se relaciona a visão de cognição social, estabelece um ciclo vicioso no qual a criança produz pequenas respostas ou até ausência de respostas às investidas parentais, o que dificulta a manutenção da interação e do investimento no manhês pelos pais (COHEN *et al.*, 2013), isso porque esses bebês parecem investir mais em objetos do que no compartilhamento de ações (Saint-Georges *et al.*, 2011).

2 | A INTERVENÇÃO MUSICAL PRECOCE

Na presente investigação, a música apresentou-se como possibilidade de intervenção precoce. Isto, em função de falhas nos sinais PREAUT e IRDIs que evidenciaram risco de evolução para autismo. Nesse sentido, a abordagem de musicalização de bebês organizada com base na proposta desenvolvida por Esther Beyer (CORREA, BELLOCHIO, 2010) apresentou-se promissora, tendo em vista a rotina musical que insere, de modo harmônico, movimentação corporal, favorecendo a integração sensorial e a possibilidade de o bebê liberar a córtex para entrar em relação, considerando os aspectos maturativos.

Em relação aos aspectos afetivos envolvidos na constituição psíquica, os trabalhos de Carvalho (2012), Bialer (2014) e, principalmente, Januario e Tafuri (2010) anunciam que a música funciona como espaço de relação com crianças autistas em função da possibilidade de fisgar a atenção do bebê, seja pelo ritmo quanto pela melodia, dentre outros aspectos.

Sobremaneira, motivadas por essa perspectiva e por trabalhos de musicalização

de bebês orientados por Esther Beyer, que atingiu no projeto “Música para Bebês” do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mais de 700 bebês e suas famílias em dez anos, favorecendo a construção do valor da música nos primeiros anos de vida, conectados a momentos de descontração, lazer e vínculo entre pais e filhos.

Uma das pesquisadoras que articularam suas análises aos momentos de aula de música para bebês de Esther Beyer é Stahlschmidt (2002) no qual os efeitos positivos da musicalização na reversão do risco psíquico do bebê ficou em evidência em dois casos de bebês que estavam acolhidos em abrigos da cidade de Porto Alegre. E, nesse sentido, entre as características que favoreciam a construção do vínculo, destacam-se a valorização da participação do familiar de modo efetivo na construção musical do bebê, o que promove momentos de prazer entre o cuidador (em geral a mãe, as vezes, o pai) e o bebê, a liberdade de adaptação ativa das atividades as demandas do bebê dentro da rotina proposta e a possibilidade de domínio crescente da música por meio de atividades lúdicas que consideram as habilidades psicomotoras, cognitivas, afetivas e linguística do bebê em cada idade. O que, de modo efetivo, credenciou a abordagem para ser tomada como uma proposta de intervenção precoce junto a um grupo.

3 | MÉTODO

A amostra deste estudo, qualitativo e longitudinal, foi constituída de um menino (I) com risco psíquico de evolução para autismo, avaliado pelos IRDIs e pelos sinais PREAUT, com três meses e alguns dias, proveniente de uma pesquisa maior na qual 140 bebês são acompanhados longitudinalmente de uma vinte e quatro meses, considerando os instrumentos citados, o teste de triagem de Denver II, análises das interações mãe(ou substituta)-bebê por meio de filmagens e entrevista inicial e continuada nas coletas. Estas incluem as faixas etárias de um mês, três meses, seis, nove, doze, dezoito e vinte e quatro meses. Para este artigo foram utilizadas as análises relativas aos sinais PREAUT e IRDIs das coletas de três meses e um dia, seis meses e 8 meses e um dia, dados da entrevista inicial.

Para constituir o grupo de musicalização além de I. e sua mãe (MI), dois outros bebês, um menino prematuro (K) e sua mãe (MK) e uma menina nascida a termo (L) e sua mãe (ML) foram convidados a participar da pesquisa. As díades K-MK e L-ML não apresentavam risco psíquico quando avaliadas pelos IRDIs e sinais PREAUT. As principais características dos bebês e suas famílias estão sintetizadas no quadro 1.

Sujeito	Idade inicial	Idade final	Familiares	Idade dos familiares	Profissão dos pais	Frequência aos encontros
I	5m 14d	9m	Mãe(MI) Pai (PI) Irmão1 (Irl1) Irmão2 (Irl2)	26 anos 36 anos 07 anos 09 anos	Do lar Pedreiro Estudante Estudante	Nove encontros Cinco com os irmãos
K	8m 12d	1a 1m	Mãe (MK) Pai (PK)	20 anos 26 anos	Do lar Pedreiro	Cinco encontros
L	7m 11 d	11 m	Mãe (ML) Pai (PL) Irmão (IrL)	33 anos 42 anos 08 anos	Do lar Policial Estudante	Nove encontros dois com o irmão.

Quadro 1- Síntese de características dos bebês e família

Legenda: m=meses, d=dias, a=anos, EMI=ensino médio incompleto, EMC=ensino médio completo.

Fonte: Dados da pesquisa elaborado pela autora.

Aprovado seguindo a resolução 466/12, o projeto compôs uma pesquisa maior aprovada no CEP da UFSM sob CAE: 28586914.0.0000.5346. Por isso, aos voluntários, responsáveis pelos bebês, foram esclarecidos os objetivos e procedimentos da pesquisa e lhes foi lido o termo de consentimento livre e esclarecido que os mesmos assinaram após concordarem com sua participação e de seus bebês.

Neste primeiro dia de contato entre os bebês e familiares que participariam do grupo de música, responderam a uma entrevista semi-estruturada para obtenção de dados sócio-demográficos, obstétricos e psicossociais. Dentre os bebês e seus familiares, participantes da pesquisa, os voluntários foram captados no teste do pezinho realizado na unidade básica de saúde (UBS) na qual também foram realizados o grupo de musicalização e as filmagens da coleta maior.

Sendo que os demais protocolos foram aplicados antes e após as filmagens e, diante de dúvidas, foi possível que mais de um examinador conferisse os valores atribuídos por meio da visualização dos filmes.

O ambiente era organizado antes de cada encontro de musicalização em uma sala de uso coletivo em unidade básica de saúde do município de Santa Maria/RS, com disponibilização de colchonetes e almofadas em círculo que previa a acomodação das díades, da pedagoga responsável e da pesquisadora. Os encontros foram filmados na íntegra para análise posterior, contando com duas câmeras (uma de visão geral do grupo e uma mais próxima a I e MI).

A escolha das atividades de musicalização se baseou naquelas que, da rotina proposta por Esther Beyer, pudessem favorecer condutas intersubjetivas e receptividade dos bebês a pessoas. Dentre elas a Canção de entrada/chegada, Balões em movimento, História “O trem”, relaxamento com bolinhas de massagem, estimulação do balbucio com espelhos, exploração de instrumentos musicais, o Pula Pula, a Pulguinha e a Canção despedida.

As filmagens dos encontros de musicalização foram transcritos e analisadas *a posteriori*, levando em conta aspectos qualitativos como a adaptação ativa realizada por MI, a presença de indícios de alienação por parte de I, e a interação da díade MI-I entre si e com os demais participantes do grupo, a partir das quais foram retiradas cenas para exemplificar a evolução de I e MI. Também, foi realizada análise das filmagens dos encontros inicial, intermediário e final de musicalização por meio da escala de Saint-Georges et al. (2011) que aborda comportamentos infantis e maternos a partir de uma perspectiva de cognição social.

Quando a presente pesquisa finalizou os encontros musicais, I. foi avaliado, aos onze meses, por uma terapeuta ocupacional e psicanalista para averiguar a estabilidade de sua evolução e a necessidade de nova intervenção.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função do estudo de caso, tomamos como base para análise as situações vivenciadas nos encontros de música pelo menino I., que ingressou no grupo com cinco meses e quatorze dias, concluindo com nove meses. Ele é o terceiro filho do casal, nasceu de parto vaginal de uma gestação planejada. A mãe afirma tê-lo desejado muito e que o casal ficou muito feliz com a notícia da gravidez. O pai assumiu o sustento familiar, ao optarem por MI parar de trabalhar para cuidar dos filhos após ao nascimento de I, mesmo com as dificuldades financeiras da família.

Com o convite para participação no grupo de musicalização, o risco psíquico não foi explicitado, mas explicou-se sobre a importância das aulas para desenvolvimento e socialização de I., considerando que as pesquisadoras percebiam um certo retraimento no menino. Participação que passou a ocorrer na semana seguinte ao convite.

MI chegou para o primeiro encontro silenciosa e começou a observar as demais mães e se ambientar com os demais participantes. Durante as entrevistas, percebeu-se que a mãe sentia vergonha das pessoas, esforçava-se com um sorriso, para começar as interações. Já I. chorou muito nas primeiras aulas, tendo dificuldade de participar do grupo. A cena 1 evidencia essa característica da mãe e do menino no primeiro encontro em que participaram:

CENA 1: Olhando para os objetos na hora do Oi

Na hora do “Oi”, I. presta atenção na almofada colorida. A professora começa o “Oi” direcionando seu olhar para K. I. olha para a professora a seguir mas para sua mão que abana enquanto dá “Oi”. Demonstra excitação com braços e instabilidade do tronco (balança para um lado e outro)¹, enquanto olha a professora na atividade. No momento, em que a professora direciona o “Oi” para I., MI tenta estimulá-lo para que ele olhe para a professora, colocando seu braço sobre os braços de I. e tentando direcionar uma resposta de “Oi”.

1. A instabilidade de tronco de I. relaciona-se ao fato de ainda não ter maturado para sentar sem apoio. No entanto, cabe ressaltar que seus movimentos globais tipo flapping e sua dificuldade de antecipar gestos para a preensão estavam de acordo com observações de Muratori (2014) sobre sinais precoces de autismo. Muratori, em reunião de pesquisa com a quarta autora visualizou vídeos de I. confirmando esta análise.

Percebe-se a dificuldade de I. em manter a atenção nas pessoas e de controle psicomotor. Em outros momentos como na cena 2, ele chora incomodado com a possibilidade de ficar deitado sobre o colchonete:

CENA 2- A dificuldade de deitar e explorar os balões:

No momento de brincar com os balões sobre o tule a mãe deita I., mas ele parece desconfortável para ficar deitado (está sem camisa). Olha os balões e estica o braço direito por algum tempo para tocar, depois fica mais incomodado, e faz opistótono. A mãe o reposiciona e depois o coloca sentado, quando percebe que ainda está incomodado..... A mãe de I. (MI) está tensa e pouco confortável, pois tem dificuldades de tranquilizá-lo. Oferece dois balões em sequência, os quais ele deixa escapar sem explorar. I. choraminga.

Durante as escutas, realizadas em momentos anteriores aos encontros de musicalização, descobriu-se que MI teve uma infância difícil, não podendo conviver de forma harmoniosa com a mãe biológica. Foi adotada e depois sofreu muito quando voltou a morar com a mãe biológica. MI contou que a primeira gestação foi difícil, pois era jovem e sem experiência. Cabe ressaltar que os outros filhos, diferentemente de I., não apresentavam qualquer retraimento ou psicopatologia.

Considerando os IRDIs da fase 1, observou-se a ausência dos seguintes itens na análise das interações de I. e MI, antes da intervenção musical: 3. A criança reage ao “manhês”; 4. A mãe propõe algo à criança e aguarda sua reação; 5. Há troca de olhares entre a criança e a mãe. Considerando os resultados da pesquisa de Kupfer (2008), a ausência de apenas três IRDIs na fase um indicaria risco ao desenvolvimento e não necessariamente risco psíquico, já que para aquela pesquisa os cinco primeiros IRDIs deveriam estar ausentes para prever psicopatologia grave. No entanto, I. apresentava evidente desconexão nos sinais PREAUT, que são mais sensíveis e específicos para risco de evolução para o quadro de autismo.

Embora MI conseguisse estabelecer as demandas e supor um sujeito em I., eixos percebidos pela presença dos IRDIs um e dois (1. Quando a criança chora ou grita a mãe sabe o que ele quer e 2. A mãe fala com a criança num estilo particularmente dirigido à ela (manhês)), evidenciando ansiedade pela precariedade no retorno de I.

Quanto as tentativas de comunicação, o que ficava evidente na ausência do índice quatro, pois não conseguia aguardar as respostas de I. MI propunha algo a I. e ela mesma respondia, sem aguardar a resposta do filho, regulando o comportamento de I. em função das dificuldades na sustentação do olhar e na falta de consistência nas repostas do menino, quando solicitado pela mãe.

Também é interessante notar que a ausência de olhares e a falta de reação ao “manhês” denunciavam o que seria encontrado nos sinais PREAUT, pois I. apresentou a respostas “não” para todos os itens quando testado na observação dos pesquisadores antes da filmagem. I. não procurava espontaneamente a pesquisadora ou a mãe, nem sob estimulação, o que lhe atribuiu uma pontuação zero na primeira parte do questionário. O mesmo ocorreu na segunda parte três e quatro que confirmam as

observações iniciais desdobrando a análise em olhar, sorrir e suscitar troca prazerosa.

Durante a filmagem da pesquisa maior, observou-se um momento de reação ao “manhês” feito pela mãe, mas muito breve, com movimentação global do corpo e sem manutenção da interação além de três segundos. Também não endereçava ou sustentava o olhar para a mãe.

Na segunda fase de filmagens, em que foram avaliados os IRDIs entre quatro e oito meses, I. foi avaliado entre os seis meses e um dia e sete meses e 29 dias, observou-se que a dupla não apresentava os índices: 6. A criança utiliza sinais diferentes para expressar suas diferentes necessidades. 7. A criança reage (sorri, vocaliza) quando a mãe ou outra pessoa está se dirigindo a ela. 8. A criança procura ativamente o olhar da mãe, demonstrando que o risco psíquico se mantinha durante o início do processo de musicalização.

Na terceira fase da coleta maior, cujas análises foram realizadas entre oito meses e um dia e nove meses e vinte e nove dias, em termos de sinais PREAUT percebeu-se que I. já reagia à estimulação da pesquisadora e da mãe, e também olhava espontaneamente para ambas. Não apresentava IRDIs ausentes. Nas cenas 3 e 4 exemplifica-se a evolução de I.- MI ao final dos encontros de musicalização.

CENA 3: I e MI desfrutando da aula.

I. ficava em pé no colo da mãe e levantava o menino próximo do rosto da mesma, passava a mão nos braços e nas costas da mãe. A mãe abraçava o filho. A seguir, pegou a almofada e iniciou uma brincadeira de esconde-esconde com o filho. Quando ele a achou, a mesma disse: “Acho, acho!”. I. e a mãe sorriram, a mãe repetiu a brincadeira e I. gostou. Passa a mão no rosto da mãe, sorriu fisgado pelo gozo da brincadeira.

CENA 4: I vai atrás de L. espontaneamente na rotina dos balões

L. engatinhou e ficou em frente a I que olhava para ela. Depois, olhou para a professora e se aproximou das costas de L. passando a mão no braço da menina que estava se mexendo em busca de um balão. L. estava de costas para I. que seguia colocando a mão em suas costas e “batendo” como se estivesse chamando L.

As cenas 3 e 4 são evidência que o processo de alienação (KUPFER, 2000) havia se estabelecido em I, o que se confirmou aos 11 meses quando foi avaliado por terapeuta ocupacional, como forma de controle do progresso de I, pois caso essa evolução não se estabilizasse ele passaria por um período de intervenção individual.

Essa avaliação demonstrou que o menino e a mãe já apresentavam diferença quanto à postura e interação quando comparadas ao período anterior aos encontros de musicalização. No primeiro encontro, o menino estava tímido, olhando muito para a avaliadora, com olhar de desconfiança. Estava muito sério, estranhando a avaliadora. A mãe, para que interagisse, propôs-se cantar as músicas que cantavam nos encontros. I. as reconheceu e dançou timidamente. O menino olhava apaixonado para a mãe. Quando a mãe terminou, a terapeuta vibrou, dizendo: “que foi lindo e que

a mãe merecia um obrigado”. O menino fez então cafuné com a cabeça no corpo da mãe, e enrolou-se na roupa dela.

Uma cena fundamental que demonstrou a instalação de I. na comunicação com o outro, foi quando ele chupava o dedo e a terapeuta pediu um pedaço, pois parecia gostoso. O menino provocou a terapeuta sugando mais forte seu dedo, até que deu um dedo para ela. A mãe apresentava-se naquele momento muito interpretativa, compreendendo tudo, e ajudando I. a se comunicar com a terapeuta.

No segundo encontro, a mãe demonstrou ainda mais seu afeto, respeito e interação com o menino. A terapeuta pede permissão à mãe de se aproximar com um brinquedo e MI devolve a pergunta a I., esperando sua resposta, ela diz: “acho que ele está em dúvida”.

Em seu relato, MI afirmou que I. estava mais curioso e que antes era muito parado. Relata também que ele chamava a mãe de mama e o irmão de mano. Em sua fala MI diz: “ele está mais solto”. Também afirmou que as músicas estão inseridas na rotina familiar, em especial que ele gostava da Galinha Pintadinha.

A partir das breves observações aqui realizadas é possível hipotetizar que I. conseguiu comodalizar perceptivamente e integrar as informações sensoriais (GOLSE, 2013) necessárias para que houvesse um sentido na exploração do objeto. Fato que se intensifica, gradativamente, a partir do sexto encontro, no qual evidencia o reconhecimento do próprio nome.

Em relação a MI percebe-se que ela identificou que o “manhês” “fiscava” a atenção de seu filho, e como era uma mãe que fazia uma adaptação ativa ao seu bebê (WINNICOTT, 1999), rapidamente modificou seu comportamento ao perceber que isso funcionava bem com I. Cabe ressaltar a importância do grupo como fator de estimulação para esta mãe modificar seu comportamento, sem que fosse necessário orientar verbalmente, pois a mudança se deu apenas pelo modelo positivo fornecido pela professora e por ML.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral de analisar os efeitos de musicalização em um caso de risco psíquico (I-MI) foi possível observar a efetividade da proposta, pois na última coleta dos sinais PREAUT e dos IRDIs, realizada após a intervenção I. estava sem risco psíquico, o que se confirmou na avaliação da terapeuta ocupacional dois meses depois.

A música foi uma forma de intervenção precoce positiva e efetiva, com a vantagem de não se apresentar como uma terapêutica tradicional, que, muitas vezes, não apresenta a adesão dos familiares. Também porque não despertou qualquer fantasma no imaginário familiar em situações em que não há séries barulhentas ou a percepção de sintomas pelos familiares como no caso de I.

O estudo sugere, ainda, que a proposta organizada por Esther Beyer é ampla e

adequada para embasar esse trabalho, pois considera, simultaneamente, aspectos cognitivos, afetivos e neuromaturativos. Apresentando espaços para adaptações e inovações, por não se tratar de método e menos ainda, fechado, mas uma abordagem do desenvolvimento infantil em que a música é o tema principal que favorece o laço entre o bebê e seu outro primordial.

REFERÊNCIAS

BELTRAMI, L. *et al.* Ansiedade materna puerperal e risco para o desenvolvimento infantil. In: **Distúrb. Comum.**, 25(2), 2013. p. 229-39.

BEYER, E. Cante, bebê, que eu estou ouvindo. In: **O som e a criticidade**. Santa Maria: UFSM, 2005.

CARVALHO, G.M. . O ritmo como questão nas manifestações singulares do autista. In: **Rev Latinoam. Psicopat. Fund.** 15(4), 2012. p. 781-797.

COHEN D. *et al.* Do parentese prosody and father's involvement in interacting facilitate social interaction in infants who later develop autism? In: **PLoS One**. n. 5, 2013.

CRESTANI, A. H.; MORAES, A. B.; RAMOS-SOUZA, A. P. Análise da associação entre índices de risco ao desenvolvimento infantil e produção de fala inicial entre 13 e 16 meses. In: **Rev. CEFAC**, 17(1), 2015. p. 169-176.

CORREA, A.N.; BELLOCHIO, C.R. Esther Beyer: contribuições para educação musical brasileira. In: **Revista da ABEM**, 2010, 23. p. 95-97.

GOLSE, B. O autismo infantil, a intersubjetividade e a subjetivação entre as neurociências e a psicanálise. In: MARIN, I. K.; ARAGÃO, R. O.(Org.). In: **Do que fala o corpo do bebê**. São Paulo: Escuta, 2013. p. 263-278.

JANUÁRIO, L. M.; TAFURI, M. I. A relação transferencial com crianças autistas: uma contribuição a partir do referencial de Winnicott. In: **Psic.Clín.**, 22(1), 2010. p. 57-70.

KUPFER, M.C.M.; BERNARDINO, L. M. F. As relações entre construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da pesquisa IRDI. In: **Revista latinoam. Psicopatol.** 12(1), Fundam. São Paulo, 2008. p. 45-58.

KUPFER, M. C. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**. 11 (1), 2000. p. 85-105.

LAZNIK, M. C. A hora e a vez do bebê. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

MURATORI, F. **O diagnóstico precoce no autismo**: guia prático para pediatras. Salvador: Ed. Núcleo Interdisciplinar de Intervenção Precoce de Bahia: Salvador, 2014.

NASCIMENTO, P.S. *et al.* Comportamentos de crianças do espectro do autismo com seus pares no contexto da educação musical. In: **Rev. Brasileira de Educ. Especial**. 21(1), 2015. p. 93-110.

SAINT-GEORGES, C. *et al.* Do Parents Recognize Autistic Deviant Behavior Long before Diagnosis? Taking into Account Interaction Using Computational Methods. **Plos One**. 8 (10), 2011. p. 1-17.

STAHLSCHMIDT, A. P. M. **A canção do desejo**: da voz materna ao brincar com os sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito. Tese Doutorado em

Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002, 322 p..

THEVARTHEN, C.; DELAFIELD- BUTT, J. T. **Autism as a developmental disorder in intentional movement and affective engagement**. 7(17), 2013. p. 1-15.

VIANNA, M.N.S. *et al.* Music Therapy may increase breastfeeding rates among mothers of premature newborns: a randomized controlled trial. In: **Jornal de Pediatria**. 87(3), 2011. p. 206-212.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-463-4



9 788572 474634